

No olho da tempestade

Novos estudos alertam que escassez de água aumentará pobreza, número de doenças infecciosas e agravará aquecimento global

São apenas duas moléculas de hidrogênio e uma de oxigênio para muita coisa: beber, comer, banhar, regar, lavar, produzir, irrigar, crescer, viver. Riqueza mais valiosa do planeta, a água, porém, é maltratada, poluída e desperdiçada. Encontrar o ponto certo do seu uso é um dos grandes desafios da atualidade, num momento em que, com o crescimento da população, aumenta a demanda pela água e seus serviços básicos, agravando um panorama de escassez. Relatório da Unesco de 2009 sobre o tema alerta: sem medidas contra o desperdício e a favor do consumo sustentável, a dificuldade de acesso à água potável se agravará no mundo.

— A grande demanda, o uso intenso em agricultura, indústria e residências e as mudanças climáticas, tudo pressiona os estoques de água do planeta — diz a pesquisadora alemã Claudia Ringler, do International Food Policy Research Institute, baseado em Washington. — A boa notícia é que temos ferramentas para reverter esse quadro.

Carlos Albuquerque e Rogério Daflon A Unesco diz que cinco bilhões de pessoas podem sofrer com a falta de saneamento básico até 2030. Na África, meio bilhão de pessoas já padecem com o problema. Cerca de 80% das doenças nos países em desenvolvimento estão ligadas à água, causando três milhões de mortes precoces a cada ano. Cinco mil crianças morrem de diarreia por dia no planeta, sendo que 10% dos casos poderiam ser evitados com medidas básicas de higiene e saneamento.

— A água precisa ser bem tratada, utilizada e conservada. Essa é uma necessidade mundial — afirma Claudia Ringler. — O problema é que, quase sempre, a água é considerada uma questão secundária em relação a outros temas classificados, nos círculos políticos, como mais importantes, o que é um absurdo.

Todo mundo deveria saber que sem água, não há vida.

ÁFRICA SOB RISCO. O aquecimento global vai tornar mais agudo esse quadro de escassez, afetando áreas de cultivo e a produção de alimentos. A previsão faz parte dos mais recentes relatórios do Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC), divulgados em 2008. Segundo os estudos, o continente africano vai ser um dos mais afetados nessa questão, com diminuição de recursos hídricos e de irrigação, que tornarão mais agudos os notórios problemas de falta de alimentos na região.

— Ainda falta a percepção geral de que a água é um indicador das mudanças climáticas em todo o mundo, tanto para o excesso como para a escassez — diz Samuel Barreto, coordenador do Programa Água para a Vida, do WWF. — A água vai nos ajudar a verificar as alterações climáticas apontadas pelo IPCC, e

isso vale também para os eventos extremos, como ciclones e enchentes, que deverão aumentar de frequência e intensidade nos próximos anos. Falar de água, hoje, é falar de segurança mundial.

Não é à toa que o termo “diplomacia das águas” tem sido usado quando o assunto é, por exemplo, gestão de rios fronteiriços (Amazonas, Nilo ou Congo, por exemplo), prevista por uma convenção da ONU, em 1997, mas ainda não ratificada. Como lembra Barreto, inundações mais frequentes e secas mais intensas vão mudar a situação hídrica de várias regiões do planeta, inclusive o Brasil.

— O mundo possui leis, tratados e políticas de água, que precisam ser urgentemente implementados.

É uma questão de prioridade máxima, que deveria entrar imediatamente na agenda dos governos. O Brasil, por exemplo, tem uma das mais avançadas políticas de água do mundo, mas ela precisa ser efetivamente implementada. A boa gestão desse valioso recurso natural, dizem os especialistas, é a diferença entre a prosperidade e a ruína ambiental.

— A Índia, por exemplo, teve uma política de águas desastrosa, que esgotou seus recursos hídricos — lembra Claudia Ringler. — Já Israel deve ser tomado como bom exemplo de gestão. Por causa da sua situação geográfica, o país desenvolveu um sofisticado sistema de irrigação. O que precisamos é de investimentos em produtividade agrícola, produzir mais gastando menos. É a equação chave dessa questão crucial para o mundo.

Nenhum lugar do mundo tem tanta água quanto o Brasil. O país, onde vive apenas 3% da população mundial, detém cerca de 13% da água do planeta, 74% desse percentual na pouco povoada região amazônica.

Numa perspectiva de escassez, num futuro não tão distante, o conceito de desenvolvimento sustentável se torna crucial. É o que apontam estudos do Laboratório de Hidrologia e Estudos do Meio Ambiente da Coppe/UFRJ. Com bases nos dados do relatório da Unesco, eles realçam a vantagem comparativa do país em relação à maioria das nações.

— Se juntarmos Europa, Ásia e África, teremos 86 % da população e 55% da água do mundo. Essa desproporção dá uma vulnerabilidade hídrica imensa a esses três continentes — afirma o diretor-geral do Laboratório de Hidrologia da Coppe, Paulo Canedo.

— O Brasil pode ter um papel decisivo, principalmente na agricultura, pois, diante da escassez de água de outros países, muito deles vão importar nossos alimentos.

Tal potencial aumenta com a vocação agrícola do país, confirmada pelo fato de que 70% da água captada no Brasil são usados na agricultura, como destaca o professor da Coppe e ex-presidente da Agência Nacional das Águas (ANA), Jerson Kelman.

— Esse percentual é referente à água captada e não a toda a água do país — deixa claro Kelman.

POUCA NAVEGAÇÃO. Para esse potencial ser mais bem aproveitado, porém, é necessário cuidar bem da água que abastece não apenas o campo, mas também nossos centros urbanos. Segundo Benedito Braga, diretor ANA, o mau uso da água passa por políticas públicas que precisam ser mais bem direcionadas.

— O governo federal subsidia a exportação de soja produzida na Região Centro-Oeste em quase US\$ 1 bilhão anualmente por causa do frete rodoviário. Esse gasto poderia ser evitado com a navegação pelos rios Tapajós e Tocantins — diz Braga, vice-presidente do Conselho Mundial da Água.

Para Braga, é triste ver cidades como o Rio e São Paulo buscarem água cada vez longe porque seus principais rios estão poluídos.

— Há um imenso prejuízo econômico com isso. Se o Rio Tietê não estivesse tão poluído em sua parte urbana, ele poderia ser utilizado para abastecer parte da cidade de São Paulo — diz o diretor da ANA. — Situação semelhante acontece com o Rio de Janeiro, que está indo cada vez mais longe em busca de águas não poluídas para o abastecimento.

A poluição dos mananciais, fruto principalmente de esgotos maltratados, leva a um dado inquietante: o Brasil não vai atingir a meta do milênio no que se refere a tratamento de água, ou seja, saneamento.

SOLUÇÃO DISTANTE. Estimativas do governo federal mostram que seriam necessários R\$ 180 bilhões para atingir as Metas do Milênio das Nações Unidas no ano de 2015, ou seja, para que ao menos a metade dos brasileiros tenha acesso à água potável e ao saneamento básico.

— Por enquanto, apenas 20% do esgoto são tratados antes de serem despejados nos rios urbanos. Só devemos atingir a meta em relação à água potável para metade dos brasileiros. Mas o problema de saneamento continua muito grave — diz o diretor da ANA.

As águas brasileiras não sofrem só com esgoto. A escassez de florestas nas margens dos rios se soma à contaminação por produtos químicos, à erosão dos solos e ao crescimento desordenado das populações ribeirinhas, que se instalam em áreas de risco. Isso tudo se agrava na proporção da lentidão do poder público para resolver esses problemas crônicos.

— É lamentável, por exemplo, o que ocorreu em Santa Catarina, com a recente aprovação de medidas para a redução das matas ribeirinhas, o que pode agravar as consequências de novas chuvas fortes no estado — diz Samuel Barreto, coordenador do programa Água para a Vida, do WWF.

Barreto acredita que a preservação e o uso sustentável da água devem ser mais divulgados, inclusive com campanhas públicas.

— Precisamos divulgar a questão da escassez da água, principalmente junto às novas gerações, para que o tema esteja presente nas próximas eleições. Não podemos mais falar em desenvolvimento sem pensar no uso sustentável da água.

Apesar de ter 13% da água do planeta, o Brasil ainda precisa superar seus problemas de saneamento básico. Apenas 20% do esgoto são tratados antes de serem despejados nos rios.

No olho da tempestade. O Globo, Especial, Dia Mundial do Meio Ambiente, 05/06/2009.